



TORNANDO-SE PRESENÇA EM SALA DE AULA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE EM HISTÓRIA

HOSANA DO NASCIMENTO RAMÔA*

Resumo

O presente artigo propõe um mergulho na sala de aula e em suas particularidades, atentando para as características que compõem o processo educativo, em especial, a dimensão subjetiva da educação. Analisando as produções textuais de alunos do terceiro ano do Ensino Médio, junto da fala da professora de História da turma sobre o processo eleitoral do ano de 2014, levantaremos algumas reflexões sobre os argumentos utilizados por ambos os sujeitos mediante as concepções de presença propostas por Hans Ulrich Gumbrecht e Gert Biesta. Mesmo apresentando conceitos sob perspectivas distintas, suas ideias perpassam aspectos semelhantes, os quais buscaremos evidenciar, com a ajuda dos escritos de Maurice Tardif e das empirias selecionadas.

Palavras-chave: subjetividade; educação; presença; alunos; eleição.

* Graduada em História pela Universidade Federal Fluminense e Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.

Introdução

“Imagine que o candidato (a) no qual você pretende votar para presidência no domingo foi derrotado (a) e que o candidato (a) vencedor (a) adotou as políticas que você mais temia. O que poderia ser feito?”

Essa pergunta foi feita na sexta feira anterior ao domingo de eleição para a presidência do Brasil no ano de 2014. As respostas foram dadas por uma turma de terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública¹ na zona norte do Rio de Janeiro. Os alunos tinham em torno de 17 anos e a professora que colaborou para a aplicação dessa ferramenta de pesquisa trabalhava nesse mesmo colégio há quase 30 anos, tendo formado durante esse tempo um histórico em defesa do ensino público.

Olhando para trás, podemos caracterizar essa votação como um evento marcado por uma grande disputa em torno dos dois candidatos principais a presidência. Foi um período singular, no qual tanto na televisão, como nas redes sociais e nos encontros de amigos e familiares os comentários sobre política estavam cada vez mais efervescentes e uma oposição de ideias e opiniões parecia dividir a realidade em princípios antagônicos.

Parte da vivência dos alunos e componente fundamental da sociedade, a sala de aula não poderia estar imune a esse debate. Segundo Clermont Gauthier, esse espaço é impregnado, permeado e influenciado pelo contexto social e político e nesse meio, “o professor não só instrui, ele também educa” (2006: 174). Ou seja, o ensino precisa ter suas disciplinas e objetivos, mas nele também se encontra um componente ético, necessário a vida fora dos muros da escola.

Seguindo essa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem que ocorre dentro da sala de aula precisa ser apropriado na vida, precisa “fazer sentido” nas relações e experiências sociais, por isso, a política, elemento fundamental para a vida em sociedade, não pode estar separada do desenvolvimento educacional do aluno.

¹ Optamos por não revelar o nome da escola.

Tema recorrentemente debatido nas aulas da professora observada, as eleições do ano de 2014 serviram de base para a criação da empiria mencionada anteriormente. No presente texto, faremos algumas considerações sobre ela, trazendo ainda a fala da professora em alguns trechos das aulas em que ela levantava essa discussão. Além disso, através desse material levantamos os seguintes questionamentos que ajudaram a nortear nosso pensamento: Qual a relevância do tema “política” aparecer em sala de aula? De que maneira trazer assuntos contemporâneos para debate ajuda no processo educacional? De que forma isso contribui para a subjetividade do aluno e para sua convivência em sociedade?

O contexto de produção dessa empiria está ligado à pesquisa “Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de História”, coordenada pelo prof. Dr. Fernando de Araujo Penna, no âmbito do Laboratório de Ensino de História da Universidade Federal Fluminense². cujo objetivo era entender como os professores tornam o ensino de história significativo para seus alunos. Quatro professores em diferentes escolas nos municípios de São Gonçalo e Rio de Janeiro foram acompanhados e suas aulas gravadas em áudio, foram realizadas ainda entrevistas com os mesmos e atividades para investigar a produção textual dos alunos.

A sala de aula como o espaço para a presença

Diferentemente do que defende o programa Escola sem Partido, neste texto propomos que a sala de aula seja entendida como o espaço que além de proporcionar ao aluno a obtenção de conhecimentos, também permita a construção de ideias, a reflexão, o diálogo com o diferente e o desenvolvimento de sua subjetividade e individualidade de pensamento. Superando o binômio no qual o professor é o depositário e o aluno o receptor, vemos a educação como uma troca entre sujeitos, que permite a ambos amadurecer, desmistificar e

² Para conhecer um pouco mais sobre a pesquisa: PENNA, Fernando. Negociando a distância entre passado, presente e futuro em sala de aula: a relação entre o tempo histórico e a aprendizagem significativa no ensino de história. In: Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400551647_ARQUIVO_PENNA.pdf

desnaturalizar ideias, aprender e questionar. Sendo assim, educar é promover a liberdade e de acordo com Gert Biesta:

[...] Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo (BIESTA, 2013).

Nessa conjunção, o professor tem uma posição fundamental, pois seu trabalho é pautado em relações humanas e por isso, ele precisa contar com suas capacidades pessoais, suas experiências e seus saberes. Ou seja, no ensino “as situações de trabalho colocam na presença uns dos outros seres humanos que devem negociar e compreender juntos o significado de seu trabalho coletivo” (TARDIF, 2002: 266).

Em qualquer idade de nosso desenvolvimento físico estamos inseridos em grupos e coletividades, que podem permanecer os mesmos ou se alterarem ao longo dos anos, contudo antes desses pertencimentos, existimos como indivíduos. Essa particularidade, segundo Maurice Tardif se encontra no cerne do trabalho docente. Com efeito, os professores trabalham com grupos de alunos, mas antes de se tornarem uma turma eles são individuais, por isso seu trabalho precisa atingi-los singularmente.

Para chegar aos alunos, o professor cotidianamente se utiliza de um repertório de saberes. Tardif os define como: os saberes da formação profissional (são transmitidos pelas instituições de formação de professores), os saberes disciplinares (relativos aos campos de conhecimento elencados nos cursos e universidades), os saberes curriculares (se referem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos presentes nos programas escolares) e os saberes experienciais (surgem da experiência através do trabalho cotidiano e do conhecimento do meio e se integram a experiência individual e coletiva adquirindo a forma de hábitos e habilidades de saber-fazer e saber-ser).

Somado a esses saberes que auxiliam no exercício docente, existe ainda a aquisição da “sensibilidade”. Como expressa o autor, essa característica ligada diretamente ao trabalho dos professores precisa de um investimento contínuo, pois se trata de conhecer seus alunos como indivíduos, superando excessivas generalizações. Esses aspectos explicitados por Tardif

podem ser encontrados na narrativa da professora Ana ³ ao comentar em uma de suas aulas sobre o seu convívio com os alunos durante o Ensino Médio:

São três anos gente de um amadurecimento, é, importantíssimo que vai acontecer, mudanças né no corpo de vocês e nós vamos convivendo com vocês né, nessa perspectiva da observação dessas mudanças. No meu caso gente, isso é muito forte, sabe eu tenho isso muito dentro de mim, de acompanhar essas mudanças de vocês, sabe da, da postura, né diante dos acontecimentos, vocês vão se tornando mais reflexivos, vão entendendo melhor o que é lutar pela cidadania, vão se politizando. Eu tenho certeza que vocês hoje já estão bem mais politizados do que eram. ⁴

Em sua fala, a professora destaca a importância de acompanhar o crescimento e amadurecimento de seus alunos, reconhecendo-os como sujeitos. Esse elemento emocional não pode simplesmente ser desconectado da prática docente, pois, como mencionamos anteriormente, ela carrega em si as marcas do ser humano, estando ainda intimamente relacionado à ética.

Diante disso, podemos dizer que o componente ético do saber profissional, juntamente com a capacidade de sentir momentos de intensidade estão estreitamente vinculados a “filosofia da presença” (GUMBRECHT, 2016: 135). E aqui precisamos fazer algumas diferenciações: a produção de presença segundo Hans Ulrich Gumbrecht é entendida como momentos específicos de intensidade, que proporcionam situações únicas que envolvem os alunos, elevando o que sentem, através das faculdades gerais, cognitivas, emocionais ou físicas.

O autor alega que vivemos imersos em uma cultura de sentido, na qual todo conhecimento a ser produzido decorre da nossa tentativa de interpretação, dessa forma, a presença seria parte do comportamento humano enquanto uma performance, carregando em si o elemento de emoção ao qual se refere Maurice Tardif.

Por outro lado, Gumbrecht entende “o comportamento humano voltado para a perspectiva da interpretação e do sentido como ação” (GUMBRECHT, 2016: 167). E aqui temos a primeira interseção entre os conceitos, pois Gert Biesta compreende o tornar-se presença como a oportunidade de exposição da subjetividade e características próprias de modo que isso toque outras pessoas, ou seja, vivemos em um mundo plural e se tornar presença é inserir algo novo no mundo, é agir, de modo que nossas ações não obstruam as

³ O nome da professora mencionado no presente texto é fictício para preservar sua verdadeira identidade.

⁴ Esse trecho pertence a uma aula sobre o período de ditadura militar no Brasil, ocorrida no dia 11 de setembro de 2014.

iniciativas e as vivências de outras pessoas. Nessa visão, a responsabilidade educacional envolve ajudar aos alunos a serem indivíduos únicos e singulares, mas ao mesmo tempo, depende fazê-los entender que o mundo é o lugar da diferença. E aqui encontramos o componente ético ao qual atenta Tardif.

Em ambas as interpretações, a presença surge em uma situação social: a sala de aula, na qual é possível estar em contato com outros sujeitos e suas particularidades, e onde os momentos de intensidade e de encontro podem vir a acontecer. Nela a ética e a emoção aparecem porque o ensino é uma atividade profissional que gera mudanças emocionais, que por vezes surpreende tanto ao aluno como ao professor, causando uma experiência que pode modificar pensamento e ação, como defende Tardif:

As práticas profissionais que envolvem emoções suscitam questionamentos e surpresa no indivíduo levando-o, muitas vezes, de maneira involuntária, a questionar suas intenções, seus valores e suas maneiras de fazer. Esses questionamentos sobre a maneira de ensinar, de entrar em relação com os outros, sobre os efeitos de suas ações e sobre os valores nos quais elas se apoiam exigem do professor uma grande disponibilidade afetiva e uma capacidade de discernir suas reações interiores portadoras de certezas sobre os fundamentos de sua ação (TARDIF, 2002:268).

Por mais que o professor esteja disposto a colaborar para que seus alunos sintam ou se tornem presença, essa é uma relação de mão dupla. O ensino é troca e os alunos não são tábuas rasas, mas sim possuindo ideias, concepções, experiências e opiniões. Mediante esses fatores, o trabalho diário com seus alunos suscita no professor um conhecimento de si próprio, de suas emoções, valores, suas ações e as consequências deles, como mostra a fala da professora Ana, “no meu caso gente, isso é muito forte, sabe eu tenho muito isso dentro de mim, de acompanhar essas mudanças de vocês”.

A educação, segundo Biesta, precisa enfatizar a singularidade de cada ser humano, de modo que, o aluno consiga pensar, exercer sua individualidade e responder com sua subjetividade aos questionamentos e dilemas sociais, não se deixando levar pelas vozes representativas das comunidades com as quais nos deparamos nos espaços públicos e privados. Assim, se tornar presença é ter a sua própria voz.

Seguindo essa perspectiva, ao sermos capazes de ter uma voz única e singular, podemos ainda produzir presença através da linguagem falada. Como uma realidade física, ela pode gerar sentimentos, emoções e sensações, marcando o indivíduo. Ao nos tocar

fisicamente, sentimentalmente ou eticamente, a linguagem falada pode provocar mudanças em nossos pensamentos e ações. Isso ocorre porque os efeitos de presença são envoltos e mediados pelo sentido, ou seja, estão em constante tensão, o que significa dizer que a presença não existe sem a ação. E é isso que podemos observar no discurso da professora Ana em outra aula:

Então gente é uma história agora muito nossa né, desde o mandato de Fernando Henrique Cardoso, os dois mandatos, Lula os dois mandatos, Dilma terminando um mandato tá e agora quem vai ser eleito aí no domingo, talvez não domingo né, teremos um segundo turno. Mas quem serão os dois? Ou as duas? Né? Então tá. Seja lá quem for gente, é nós temos que discutir muito essa questão que vem, que surge, que emerge de uma, de uma transição realmente, sabe, que não foi a ideal, que as eleições diretas também né não representam realmente aquilo que nós talvez esperávamos e necessitávamos. E agora é o momento de vocês conduzirem esse processo né, tá nas mãos de vocês, então domingo tem que pensar bem, quem for né, quem já tem dezoito vai ter que ir mesmo, com mais de dezoito, mas quem ainda tem dezesseis, dezessete mas vai né por opção, legal, tem que ir mesmo, tem que pensar bem né. Ontem eu achei uma coisa interessante no ônibus, um colega de vocês, né, da 3002, né, e eu fiquei muito satisfeita assim de ver como é que tava a mobilização, a conscientização, sabe direitinho né, quem é quem, fazendo suas análises, suas críticas. É isso gente, é um amadurecimento que nós precisamos muito, muito desse amadurecimento político⁵.

O conteúdo da aula se refere à transição da ditadura para a democracia, mas a ênfase da professora está em sensibilizar os alunos, chamando sua atenção para a responsabilidade com o espaço público e com o campo político ao dizer: “*agora é o momento de vocês conduzirem esse processo*”. Contudo, sua tentativa de produzir os efeitos da presença neles não está desacompanhada do sentido e da ética: “*nós precisamos muito, muito desse amadurecimento político*”. É preciso “*pensar bem*”, ter “*conscientização*”, fazer “*análises*” e “*críticas*” antes de agir, para desenvolver a capacidade de falar com sua própria voz, sua opinião singular e se tornar presença.

Os meses que anteciparam o dia das eleições de 2014 foram cheios de debates e discussões sobre política em diversos âmbitos sociais, e, a principal preocupação da professora Ana era fazer seus alunos entenderem a importância da reflexão e análise crítica:

Por isso que eu digo pra vocês é informação, você pode até ser de sua posição, não eu sou de direita mesmo, a gente nem usa muito mais essa terminologia né lá, mas eu sou liberal, eu sou capitalista, eu sou conservador e tal pa pa. E eu posso te dizer

⁵ Esse trecho pertence a uma aula sobre a transição da ditadura para a democracia, ocorrida no dia 02 de outubro de 2014.

não, eu já tenho a minha visão, mas como era chamada algum tempo atrás a esquerda, não é, eu sou adepta de uma socialização, tudo bem, eu acho legal termos essas diferenças de posições, agora, você tem que conhecer o que você tá defendendo, assim como eu tenho que conhecer o que eu tô defendendo e o que eu estou combatendo. Aí tá certo né, agora falar porque ouviu dizer, porque colocaram na sua cabeça que era assim, é complicado. E a gente tá vendo aí, estamos num processo eleitoral⁶.

Esse trecho é de uma terceira aula na qual o tema parte de assunto histórico e chega ao momento vivido pelos alunos. Para a professora é sintomático que suas aulas estejam relacionadas ao contexto político e por conseguinte, que a turma se envolva com o tema. A tentativa de motivar os alunos requer mediações complexas de interação humana e como afirma Tardif, é uma tarefa emocional e social que requer dedicação do profissional da educação, como vimos nos relatos de três aulas distintas.

Tornando-se presença: a possibilidade de ação na escrita dos alunos

A motivação por parte do docente é fundamental em uma aula, especialmente na de história. A capacidade de presentificar o passado, seja dando ênfase a uma particularidade dentro do tema da aula ou na tentativa de captação de um sentimento ou ideal de uma época, gerando os momentos de intensidade são uma forma de produzir presença, entretanto, não existe uma maneira garantida de gerar esses momentos, e, menos ainda, de propagá-los por um maior período de tempo, como explicita Gumbrecht.

A presença tem impacto imediato nos corpos humanos, é uma interferência educacional que pode impactar profundamente gerando um efeito transformador sobre os alunos, ampliando seus horizontes de conhecimentos e experiências. Biesta defende que essa é uma responsabilidade educacional, cabendo ao professor criar oportunidades para que seus alunos possam responder e questionar.

Em sua obra “Produção de Presença”, Gumbrecht define que a dádiva pedagógica é por excelência a prática de permanecer aberto aos outros sujeitos, complementando essa concepção, concerne ao educador “confrontá-los com o que é outro e com quem é outro”

⁶ Esse trecho pertence a uma aula sobre o governo do presidente João Goulart, ocorrida no dia 28 de agosto de 2014.

(BIESTA, 2013: 49). Ou seja, a atividade educacional envolve permitir aos alunos estarem no mundo e ajudá-los a serem indivíduos únicos e singulares, mas ao mesmo tempo, depreende fazê-los entender que o mundo é um lugar de pluralidade e diferença.

Ao dizer aos alunos “[...] eu acho legal termos essas diferenças de posições, agora, você tem que conhecer o que você tá defendendo [...]”, e logo em seguida acrescentar “[...] agora falar porque ouviu dizer, porque colocaram na sua cabeça que era assim, é complicado [...]”, a professora confronta-os, para que através de um incômodo momento de intensidade, os estudantes possam desenvolver sua subjetividade e se tornem mais autônomos e independentes de pensamento, em outras palavras, se tornem presença.

Essas tentativas da professora de nada adiantariam caso os alunos não aceitassem estar num processo de aprendizagem. Para que a sala de aula seja imbuída de tolerância e respeito, os estudantes precisam se envolver nas tarefas propostas. É necessário cooperação e assentimento, segundo Maurice Tardif, pois “embora seja possível manter os alunos fisicamente presos numa sala de aula, não se pode forçá-los a aprender” (TARDIF, 2002: 268) e é isso o que as produções textuais vão nos ajudar a entender.

Retornemos agora a nossa pergunta inicial: *“Imagine que o candidato (a) no qual você pretende votar para presidência no domingo foi derrotado (a) e que o candidato (a) vencedor (a) adotou as políticas que você mais temia. O que poderia ser feito?”*

Ao todo obtivemos vinte e uma respostas a esse questionamento, mas como é um material extenso para analisar em um espaço limitado, selecionamos aquelas que melhor exemplificam a possibilidade de mudança do cenário político através de diferentes iniciativas diante do descontentamento pelas medidas adotadas, convergindo com as ideias de Gert Biesta e Hans Ulrich Gumbrecht. Vejamos o pensamento de um dos alunos:

*Ao decorrer do tempo caso o candidato não cumprisse com a tal palavra, procuraria fazer uma manifestação para chamar a atenção de tal candidato para que ele pudesse cumprir com tal argumento utilizado por ele para se candidatar. Caso não desse certo iria alertar a população para que na próxima reeleição ele não ter tal cargo ou oportunidade.
Texto produzido por João⁷.*

⁷ Os nomes dos alunos, mencionados no presente texto, são fictícios, para preservar a verdadeira identidade de cada um.

Em sua escrita, João consegue visualizar uma atitude direta da população através de uma manifestação, que caso se mostrasse ineficaz, teria como solução aguardar a próxima eleição. Entretanto, um fator determinante seria sua atuação em “alertar a população” sobre as promessas e o desempenho do candidato em questão até a votação seguinte.

Compreendendo a presença como os fenômenos que nos tocam, nos marcam e nos impulsionam a agir, percebemos na produção textual do aluno a relação com o que foi debatido nas aulas de história ao apresentar sua preocupação com uma eleição futura mais consciente em referência ao resultado das políticas adotadas pelo candidato vencedor.

“A educação requer responsabilidade” (CONTRERAS, 2002: 72), e essa responsabilidade, alude Biesta, é referente ao mundo, onde podemos incluir o compromisso político. Nesse sentido, o ensino ao se constituir por variadas fontes e experiências toma uma dimensão substancialmente prática, dispondo da ação como principal referente, como ficou claro no texto de João.

A intervenção educativa abrange o reconhecimento da significação social e política, o que consiste em ir além das funções de qualificação e socialização da educação. A primeira constitui a capacitação do aluno, ou seja, é a obtenção de conhecimentos, habilidades e entendimento que o permita realizar um trabalho ou desenvolver uma técnica específica ou em um sentido mais amplo, introduzi-lo na cultura moderna da civilização ocidental. A segunda, explica Biesta, está ligada a inserção dos alunos nas ordens sociais, culturais e políticas. Entretanto, essa inclusão não garante que os indivíduos percebam-se como agentes de mudança. Estar inserido em uma cultura também pode significar enxergar-se “como pacientes que sofrem as consequências não intencionais dos atos passados da humanidade” (PENNA, 2015: 78).

Esse caráter intervencionista e reflexivo ao qual está ligada a produção de presença tem a ver com a terceira função da educação, que não se atém a incorporação de recém-chegados as ordens existentes, mas as “formas de ser que sugerem independência dessas ordens” (BIESTA, 2012: 819). Ou seja, ela se refere a processos de formação de uma subjetividade ou individualidade própria de cada pessoa.

Precisamos da nossa subjetividade para nos tornar presença, mas para isso, é necessário entender que estamos em um mundo de pluralidade, no qual somente podemos vir

ao mundo se outros, diferentes de nós, adotam nossos inícios de modo que também possam introduzir os seus inícios no mundo. Dito de outra maneira, o professor não está isolado em sala de aula, mas sua relação de ação coletiva e mútua com seus alunos proporciona o desenvolvimento das individualidades num contexto plural, cerceado pelos componentes ético e emotivo. Seguindo essa lógica,

os docentes estão assumindo e realizando conteúdos políticos que fazem parte do próprio fato de ensinar, já que as experiências que colocam em andamento na escola refletem as oportunidades de análise sobre a vida e sobre suas alternativas e suas esperanças para eles (CONTRERAS, 2002: 81).

Na primeira produção textual, o aluno compreendeu seu papel e sua ação como fundamentais no fenômeno político ao assumir sua responsabilidade pelo mundo em “*alertar a população*”. Numa linha de pensamento um pouco diferente, nos textos seguintes, os autores deixam transparecer sua possibilidade de ação junto à comunidade social.

Como o candidato ganhou, isso quer dizer que a minoria foi e é contra. Nesse caso a minoria poderia se juntar e tentar fazer a cabeça da maioria, mostrando seus pontos de vista sobre o candidato, se conseguisse fazer a maioria achar o mesmo que você acha, poderiam fazer manifestações para mudarem algumas políticas que foram adotadas pelo candidato.

Texto produzido por Elaine.

A sociedade civil poderia mostrar sua indignação primeiramente nas redes sociais para que suas reivindicações chegassem à um público maior. Abaixo-assinado repudiando tais medidas seriam um segundo passo. E somente se todas as medidas fracassassem, através da internet os indignados deveriam marcar manifestações em todo país. E afinal tais medidas certamente seriam revogadas.

Texto produzido por Roberto.

As duas produções textuais seguem um raciocínio semelhante: elas começam com a proposta de esclarecer o descontentamento com relação à conduta do candidato eleito, buscando divulgar a informação ao maior número de pessoas possível. Em seguida, algumas medidas podem ser adotadas, como abaixo-assinado e manifestações, atos que culminarão na revogação das políticas adotadas pelo (a) então presidente (a). Suas atitudes e a viabilidade de mudar os acontecimentos são viáveis enquanto atuação de um grupo, ou seja, sendo parte da “*minoria*” como interpretou Elaine ou da “*sociedade civil*” como delimitou Roberto.

Se baseando nos escritos de Hannah Arendt, Biesta explica que umas das condições da presença é a competência em agir em uma situação social, isso quer dizer que é no encontro

com outros que nos tornamos sujeitos singulares, pois quando somos isolados ou nos isolamos perdemos a capacidade de agir.

Por meio de atos e palavras nos inserimos no mundo e essa inserção é como um segundo nascimento, pois é através da ação que nos revelamos aos outros. Entretanto, fazer o que outros fazem não é ação, é comportamento. A ação requer singularidade, visto que “a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares”. (ARENDDT, 2007: 189), em outras palavras, é necessário ser autêntico (ANDRADE & PENNA, 2015).

A autenticidade é vista nos momentos de intensidade que produzem presença, como notamos nos três discursos da professora, que tocaram significativamente os alunos ao ponto de colaborar para eles se tornarem presença, como ficou demonstrado em seus textos os pensamentos autênticos de reconhecimento de sua capacidade de ação frente a outras iniciativas em um ambiente plural de ideias e pessoas.

Considerações finais

O objeto do trabalho do docente são seres humanos e, por conseguinte, os saberes dos professores carregam as marcas do ser humano. Em sua atividade pedagógica esses saberes, que vão desde os conhecimentos apreendidos em sua formação até as experiências na sala de aula, aparecem a todo o momento direcionando suas escolhas. Contudo, mesmo envolvendo uma profissionalidade, a docência “também implica em uma perspectiva ética, para além de aspectos muito estritamente profissionais” (ANDRADE; PENNA, 2016: 13).

Esse componente ético não aparece sozinho, mas acompanha o emocional nas relações de ensino entre professores e alunos. E é justamente nesse encontro e no trabalho coletivo que esses sujeitos colocam-se na presença uns dos outros negociando e compreendendo o significado do ensino, pois é na realidade escolar que “as pessoas presentificam-se na materialidade encarnada de seus corpos, expondo-se, interferindo, comunicando sua compreensão do mundo, do outro e de si” (BICUDO, 2003: 43).

Essa compreensão do processo educativo elucidado por Maria Bicudo vem de encontro a nossa proposta de pensar a educação pautada na presença, ou seja, em como os momentos específicos de intensidade podem ajudar no desenvolvimento da individualidade

dos estudantes. Como dito anteriormente, o ser humano é a essência do trabalho docente e a subjetividade, juntamente as interações humanas, são parte fundamental na formação desses sujeitos.

Seguindo esse raciocínio, defendemos uma educação que não esteja limitada apenas aos princípios da qualificação e/ou da socialização, mas que junto a esses aspectos favoreça a subjetivação. Como foi evidenciado na fala da professora acompanhada e na escrita dos alunos, o processo educativo é maior do que os conteúdos estabelecidos pelos livros e currículos, ele envolve experiências, vivências, relações e os conhecimentos de alunos e professores, e mais, está ligado ao social, ao político e ao cultural. É algo que não se restringe a sala de aula, mas se encontra vinculado a estar e agir no mundo, reconhecendo sua responsabilidade por ele, pois como afirma José Contreras:

A consciência de estar num âmbito de atuação com um claro componente político está também em relação com outro aspecto: o da significação política sob a qual se desenvolve a prática educativa. Se a educação for entendida como um assunto que não se reduz apenas às salas de aula, mas que tem uma clara dimensão social e política, a profissionalidade pode significar uma análise e uma forma de intervir nos problemas sociopolíticos que competem ao trabalho de ensinar. (CONTRERAS, 2002: 81)

Dessa forma, concluímos que ao utilizar a oscilação entre os efeitos de presença e os efeitos de sentido e construir junto ao aluno uma aula que não se limite apenas à transmissão de conteúdos, podemos estar favorecendo o processo de ensino-aprendizagem, afinal, “é a própria tarefa e responsabilidade da educação manter a existência de um espaço em que a liberdade pode aparecer, um espaço em que indivíduos únicos, singulares podem vir ao mundo” (BIESTA, 2013: 128).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Everardo P. de; PENNA, F.A. A luta pela escola pública: combates por sentidos de autonomia docente (A exemplaridade dêitica da autonomia como fator de modulação). In: III Jornada do Grupo de Pesquisa Currículo, Docência & Cultura Sentidos de Autonomia Docente, 2015, Niterói. Caderno de Resumos. Niterói: CDC, 2015. v. 1. p. 28-28.

BICUDO, M. A. V. *A Formação do Professor: um olhar fenomenológico*. In: BICUDO, M. (Org.) *Formação de Professores? Da incerteza à compreensão*. Bauru: EDUSC, 2003. p. 7-46.

BIESTA, Gert. *Boa Educação na Era da Mensuração*; tradução Teresa Dias Carneiro. Cadernos de Pesquisa. v. 42 n. 147 p. 808-825 set./dez. 2012.

_____. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*; tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

CONTRERAS, José. *A autonomia de professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

GAUTHIER, Clermont et al. *Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante*. In: Por uma teoria da pedagogia: Pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí – RS: Ed. Unijuí, 2006.

PENNA, Fernando de A. *A total dúvida sobre o amanhã e o desafio de ensinar História: concepções de tempo na produção textual de alunos*. In: História e Perspectivas, Uberlândia (53): 71-97, jan./jun. 2015.

_____. *Programa “Escola Sem Partido”*: uma ameaça à educação emancipadora. In: GABRIEL, Carmen T.; MONTEIRO, Ana M.; MARTINS, Marcus L. B. (Orgs.). Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.